

ALGUNS APONTAMENTOS RELACIONADOS COM LENDAS E FACTOS CONTIDOS NA ETNOGRAFIA DE SARNADAS DE RÓDÃO¹

Some notes related to the Legends and Facts contained in
Sarnadas de Ródão Ethnography

António Henriques²



Palavras-chave: Sarnadas de Ródão, etnografia, história, lenda

Key words: Sarnadas de Ródão, ethnography, history, legend

¹ Documento publicado em 1981 no nº 4 do Preservação, Boletim Informativo do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica (Vila Velha de Ródão).

² Foi artesão, com trabalhos em ferro (tinha oficina em Sarnadas de Ródão), e funcionário da Celulose do Tejo. Era Natural de Sarnadas de Ródão, onde nasceu a 28 de Julho de 1909, tendo falecido a 14 de Setembro de 1984. Está sepultado em casa de familiar, no Retaxo (Castelo Branco). A sua lápide funerária tem inscrita a seguinte quadra da sua autoria: *Não quero quando morrer / na campa uma cruz erguida / já chega bem o calvário / da cruz que levo da vida (Recordação de irmãos e sobrinho)*. A capa reproduz fotografia do autor, gentilmente cedida por uma irmã, para esta edição.

Resumo

O autor discorre sobre diversos temas, de cariz histórico (séculos XIX-XX) e etnográfico, que perduram na memória das gentes de Sarnadas de Ródão (Vila Velha de Ródão).

Abstract³

The author refers to several historical and ethnographical subjects (19th -20th centuries) which last in the memory of the Sarnadas de Ródão (Vila Velha de Ródão) people.

³ Tradução de Hugo Cortez.

Introdução

Sarnadas de Ródão é uma sede de freguesia situada ao norte do concelho de Vila Velha de Ródão, ao qual pertence.

Localizada entre a estrada Nacional N18, a Estrada Nacional, N3 e o Caminho de Ferro da Beira Baixa, não se sabe ao certo a data da sua fundação.

Aldeia beiroa, tem, como outras Aldeias das Beiras, o seu passado ligado a algumas lendas e factos.

1. Lendas

Quem ao sair de Sarnadas em direcção ao poente e distante desta Aldeia cerca de dois quilómetros, encontra junto a um pequeno curso de água, vestígios de uma construção urbana a que o povo diz ser ali que vivia com a sua prole, uma mulher de apelido Correia. Há quem lhe confira foros de verdade, havendo também quem seja de opinião que não passava de lenda.

O que é certo é que tanto aos restos que se observam no que seria noutro tempo uma construção urbana como ao campo que os circundam são conhecidos pela gente destas redondezas pelo nome de Casa Correia.

Seguindo a tradição, que se vem transmitindo de geração a geração, esta mulher vinha muitas vezes nas longas e frias noites de Inverno passar os serões com as pessoas das primeiras casas de Sarnadas ou seja para a Rua que ainda hoje tem o nome de Casas d' Além, deixando os filhos na cama e sós, num sítio ermo e descampado.

Fazia-se acompanhar da roca e do fuso com a estriga de linho ou estopa que ia fiando durante o serão e em cavaqueira com as pessoas da casa junto da lareira. Acabada a empreitada, - neste caso a estriga de linho ou estopa - voltava novamente para casa percorrendo a altas horas da noite e só, cerca de dois quilómetros de caminho coberto de mato durante o qual só se ouvia o pio do mocho ou o uivar do lobo esfaimado.

Numa destas noites, esta mulher, ao chegar a casa depois de pousar a roca e acender lume, teve necessidade de vir fora. Como a noite estivesse muito escura e chuvosa ela, teve esta exclamação: *que bela noite para ladrões...* E logo a seu lado soou uma voz que lhe disse: *à porta os tens ó velha.*

Conquanto ela tivesse ficado aterrada soube dominar o medo e retorquindo em tom amigável diz: *por aqui não há ladrões... Os tiozinhos concerteza que se perderam e andam molhadinhos e arreganhados com frio! - Venham cá para casa, venham para o lume que eu vou fazer-lhes uma boa fogueira para se aquecerem e enxugarem o fato e concerteza também vêm com fome. Sentem-se e aqueçam-se enquanto eu vou arranjar qualquer coisa para comerem.*

Os tais ladrões - que o eram de verdade - iam munidos de espingardas de carregar pela boca e que iam deixando ficar de traz da porta, à medida que iam entrando e se sentavam ao lume. A mulher, fingindo pressa em lhes arranjar de comer, de tal maneira se soube insinuar no espírito

dos tais ladrões que os levou a pensar que ela estava convencida que tinha em casa gente honesta e séria. Enganavam-se por completo e aí é que esteve a salvação dela e dos filhos pequenos! (marido se o tinha nunca se falou dele enquanto os tais ladrões conversavam, sentados ao lume e no meio da maior descontração, a mulher foi matar uma galinha e a água, de que ela se serviu para a depenar, fingiu que foi à porta deitá-la fora, lançando-a dentro das espingardas que os ladrões na sua boa fé, tinham deixado junto da porta, inutilizando-lhes assim o fim a que as destinavam.

Continuando a tratar do comer, pretendeu ir a uma dependência da casa buscar os tempêros para deitar na caçoila, foi ao quarto da cama do filho mais velho para lhe dizer que saltasse imediatamente pela janela das traseiras da casa e corresse às Sarnadas chamar gente para lhes acudir pois tinham ladrões em casa. Não demoraram os moradores cá da aldeia a saltar das suas camas com o que puderam encontrar mais à mão, espingardas, forquilhas, varapaus e foices-roçadoiras. Lá marcharam em direcção à Casa Correia na intenção de fazer pagar caro a proeza dos ladrões.

Estes, quando ouviram o vozear do povo, perceberam que era gente que se aproximava e depressa se convenceram que iam ser linchados. No auge do desespero, devido ao logro em que tinham caído e ainda esperançados numa possível salvação, correram a lançar mão das espingardas que tinham deixado atrás da porta, quando entraram, e assim puderam enfrentar o povo e livrarem-se assim de serem caçados.

Não conseguiram o que pretendiam pois, como atrás se disse, a mulher tinha enchido as espingardas com a água que tinha servido para depenar a galinha e assim, por mais que os ladrões premisses os gatilhos, não conseguiram dar um tiro!

Então o povo caiu sobre os tais gatunos com toda a espécie de armas de que iam munidos e ali mesmo lhes acabaram com a vida. E assim esta mulher de apelido Correia, devido à sua presença de espírito, ao seu sangue frio que soube manter e ainda devido à sua argúcia e perspicácia, livrou-se a si e aos filhos duma morte certa!

Quem se deslocar a esta localidade ou por acaso por ali passar poderá ver os restos do que noutra tempo seria uma casa de habitação e a que o povo ainda hoje chama a Casa Correia.

Em meados do século passado e ainda até aos primeiros anos do Século presente, os povos do sul da Beira Baixa para adquirirem os géneros indispensáveis ao governo dos seus agregados familiares tinham de deslocar-se a Abrantes. Sarnadas não podia fugir à regra. E assim a gente desta aldeia para adquirir os artigos de que necessitasse para o seu governo, lá ia em demanda daquela cidade. Quem se dirigir ao local conhecido por Brejo depois de atravessar o Caminho de Ferro e percorridos cerca de 500 metros entra num caminho que logo se torna notado pela sua largura e que é conhecido pelo nome de Estrada de Abrantes pois era por este caminho que seguiam todos os habitantes desta área que iam fazer as suas compras aos comércios de Abrantes.

Nesse tempo havia em Sarnadas um casal (homem e mulher) que quando precisavam de ir a Abrantes era sempre o homem que ia buscar o que necessitavam. Se se tratava de compras leves como por exemplo agulhas, carros de linhas quaisquer fitas de nastro o homem conformava-se e quando era preciso fazer novas ele lá voltava novamente sem protesto. Mas

quando se tratava de artigos pesados, como sal e que a mulher encomendava aos meios alqueires, protestava sempre e ia de má vontade.

Esta má vontade da parte dele tinha a sua razão de ser pois apenas ele regressava com o sal a mulher distribuía-o pelas vizinhas dando algum e emprestando outro.

Assim o sal acabava-se depressa e o pobre homem lá tinha que voltar novamente a Abrantes e carregar até Sarnadas com novo meio alqueire de sal. Quando ele notou que o sal que ele trazia durava pouco tempo em virtude da mulher o repartir com as vizinhas, obrigou-a a ir com ele e trazer também meio alqueire de sal.

Logo que chegaram a casa, cansados do frete, como é de calcular, não tardou que uma vizinha fosse pedir à mulher uma certa medida de sal emprestada.

Como ela ficasse sabendo por experiência própria o que custava o sacrificio de trazer à cabeça meio alqueire de sal d' Abrantes para Sarnadas, disse para a tal vizinha: *empresto-te o sal, mas o que o meu homem trouxe; daquele que eu trouxe não empresto a ninguém, para não ter que voltar depressa a Abrantes a buscar mais...*

Quem partindo da estação dos Caminhos de Ferro de Sarnadas se dirija ao rio Ocresa ou mais propriamente ao chamado Moinho do Tio João Duque encontra a meio desta distância pouco mais ou menos e à sua direita uns casebres em ruínas no meio duma impraticável mata, e que o povo ainda afirma existir noutro tempo ali uma povoação chamada Carqueijosa. Entre os habitantes desta povoação havia um que pela sua corpulência e força hercúlea, em toda a Beira Baixa era conhecido pelo *Valentão da Carqueijosa*.

Ainda hoje em Sarnadas, ou mesmo em qualquer povoação das redondezas, se uma pessoa em quaisquer circunstâncias revelar força muscular que provoque espanto ou admiração nas outras pessoas dizem logo: *este é como o Valentão da Carqueijosa*. Para confirmar a força de que este homem era dotado contam-se várias proezas que praticou em vida, que o tornaram celebre pela valentia nelas demonstrada.

Aqui deixo relatadas duas delas.

Este homem, e ainda segundo a tradição, andava certo dia alqueivando umas terras com dois bezerros jungidos ao arado.

Em certo momento chega-se a ele um homem que disse andar perdido e pediu-lhe que lhe ensinasse para onde ficava a povoação de tal, dizendo qual a povoação que procurava.

Então o *Valentão da Carqueijosa*, com a mão que segurava a rabiça, levantou o arado no ar e com os bezerros presos na ponta fez meia volta na direcção que o outro homem procurava e sempre com o arado e bezerros no ar diz-lhe: *olhe, a sua terra fica nesta direcção que eu lhe estou a indicar!!!* Voltou em seguida a colocar o arado e bezerros no mesmo sítio d' onde os tinha levantado, continuando com toda a calma a lavoura interrompida.

O outro homem quando viu tamanha demonstração de valentia ficou tão aterrorizado que abalou a fugir sem agradecer a informação que lhe foi dada.

Outra demonstração de valentia deste homem.

Este homem em consequência da sua constituição física necessitava de mais alimentação que qualquer outro homem vulgar.

E assim um conhecido seu em Castelo Branco, homem possuidor de alguns bens de fortuna, sabendo que o *Valentão* vivia em muito precárias circunstâncias e para se certificar se ele dispunha realmente da força que lhe atribuíam disse-lhe, em certa ocasião, que lhe dava um quartoiro de trigo (15 alqueires) e 5 litros de azeite mas com a condição dele transportar de Castelo Branco para a sua casa da Carqueijosa sem nunca descansar ou pousar a carga durante o caminho. O nosso homem não esteve com hesitações. Dirigiu-se à casa do seu amigo em Castelo Branco, pediu que lhe deitassem os 15 alqueires de trigo para dentro numa saca de que ia munido e quando a operação estava pronta deitou a saca com uma das mãos para as costas e com a outra pegou na vasilha que tinha os 5 litros de azeite pondo-se imediatamente a caminho da Carqueijosa.

Este percurso foi seguido a certa distância e sem o saber por duas pessoas convidadas pelo tal amigo de Castelo Branco para se certificarem se efectivamente ele pousava a mercadoria. Nunca pousou a carga nem se pôs quieto para descansar! Ainda para melhor demonstração de valentia pequenas barrocas ou pequenos cursos de água que teve de atravessar até chegar a casa, galgava-os num só pulo de um lado para outro!

Se o amigo que lhe ofereceu o trigo e o azeite o fez, convencido que ele não era capaz de transportar a oferta sem pousar e assim poderia reaver novamente a oferta, enganou-se redondamente pois o *Valentão* chegou a sua casa com a melhor disposição e sem o mais pequeno sinal de cansaço!

Ainda nos subúrbios desta Aldeia de Sarnadas de Ródão frente ao sul e na distância de cerca de 3 quilómetros pouco mais ou menos encontra-se uma pequena Herdade Agrícola na qual se situa uma nascente d'água que se tem mantido indiferente às maiores secas. Esta nascente é conhecida em muitas léguas em redor pela Fonte dos Ratinhos. É que desde tempos imemoriais até ainda há bem poucos anos atrás tanto no Alto Alentejo como em território espanhol na raia fronteiriça com o nosso país a ceifa do trigo era feita por homens que aos ranchos e na época própria se dirigiam aqueles territórios. Estes homens eram conhecidos nos sítios para onde iam a ceifar pelo nome de *Ratinhos*. Sarnadas e a sua freguesia bem assim como todas as povoações das redondezas davam todos os anos um bom contingente destes homens. Tinham então locais certos para se juntarem, isto é para ali se esperarem uns pelos outros. Um desses locais era na tal nascente que ainda hoje tanto a fonte como a herdade onde se situa são conhecidas pela Fonte dos Ratinhos. Diz ainda a lenda, que na noite de S. João à meia-noite as *fadas* ou 11 *moiras encantadas* vêm lá lavar-se e pentear-se com pentes d'ouro.

Existem junto da mesma fonte e esculpidas na pedra os caracteres ou letras dum alfabeto antiquíssimo e que até hoje creio que ainda ninguém conseguiu traduzir ou decifrar.

Existe igualmente à beira da estrada que conduz de Sarnadas a Vila Velha de Ródão, à distância de pouco mais d'um quilómetro e do lado direito, uma outra nascente d'água conhecida pela Fonte das Cécias. Esta fonte tira o seu nome do seguinte facto.

Viveu ali em Sarnadas no século passado uma família de fidalgos de apelido Trigueiros.

Desta família faziam parte duas senhoras de apelido Cécias. Em certa altura estas senhoras contraíram uma doença que os muitos e variados médicos consultados não conseguiram atinar com a cura.

Houve então um que as aconselhou a fazer vida campestre tanto quanto lhes fosse possível. Daí por diante passaram os dias nas imediações daquela fonte não bebendo doutra água senão de lá. Como elas não fizessem uso doutra água e as melhoras delas se acentuassem notoriamente de dia para dia, ainda hoje a tal fontinha é conhecida pelo nome das tais senhoras, ou seja Fonte das Cécias.

Outros topónimos se podem ainda mencionar e cuja origem tal vez poucos sarnadenses conheçam.

Estará talvez neste caso o nome duma propriedade situada em pleno coração de Sarnadas e que todos conhecem pelo nome de Chão do Romão.

Segundo as melhores opiniões, esta propriedade era pertença de uma família de Cebolais de Cima de apelido Romão.

Desta família saiu um padre com o mesmo apelido e que paroquiou ainda a Freguesia de Sarnadas recebendo então como *dote* ou *legítima* a propriedade em referência.

É de se supor até que desta família de apelido Romão descenda a actual família de apelido Romãozinho...

Talvez, como a palavra Romão não lhes parecesse tão estilística, juntaram-lhe o sufixo *zinho* por assim lhes parecer mais *chic*.

Outro tanto sucede com a propriedade denominada Pau Trancoso esta propriedade que foi pertença da família Trigueiros, tinha sido muitos anos antes dada igualmente como *dote* ou *legítima* a outro padre que igualmente passou por esta freguesia de Sarnadas de Ródão, mas este, natural de Trancoso, chamando-se nessa data a esta propriedade o Monte do Padre de Trancoso com o andar dos anos e depois da morte, deste padre, o povo transformou-lhe o nome e de Monte do Padre de Trancoso passou a chamar-se abreviadamente Pau Trancoso, denominação que ainda hoje conserva.

Também, situada em terrenos que confrontam com a Herdade da Fonte dos Ratinhos, e mesmo à beira do caminho que conduz a Perais, existe uma propriedade totalmente abandonada e que ainda conserva aqui e ali restos do muro que a cercava. Esta propriedade é conhecida desde longa data pelo nome de Tapada dos Pés.

Contam as pessoas mais idosas de Sarnadas que este nome lhe vem dum caso sucedido com uma pessoa que se perdeu naquelas imediações aonde a noite a veio surpreender.

Como naquele tempo as feras abundassem não tardou a ser atacado pelos lobos que imediatamente a devoraram deixando-lhe apenas os pés dentre das botas, razão pela qual aqueles sítios se ficou chamando Tapada dos Pés.

O local denominado Muda tira o seu nome do facto dos correios antigamente serem feitos por veículos de tracção animal a que chamavam Malaposta. Ora estes animais tinham locais certos

para serem substituídos por outros. A esses locais chamava o povo a Muda. Em Sarnadas fazia-se esta operação no local que ainda hoje toda a gente conhece por Muda e aonde noutro tempo existiam aposentos destinados a esse fim. O empregado encarregado desse serviço era um homem de Sarnadas chamado João Maria Lopes, mais conhecido pelo tio João das Bestas.

2. Factos

É também curioso o que muita gente terá servido para se interrogarem a si mesmo ou seja donde virá o nome porque é conhecida uma das ruas desta Aldeia e neste caso o nome da Rua da Torre. Parece que também lhe chamaram a Rua das Flores em virtude dos seus moradores procurarem embelezar as suas casas expondo as janelas das mesmas as mais variadas flores sobressaindo d' entre elas o odorífero craveiro. Com o andar dos tempos foi-se perdendo o interesse por estas ornamentações, e as tão vistosas e alegres flores foram desaparecendo quase por completo. Com o desaparecimento das flores a Rua deixou de chamar-se Rua das Flores para continuar a chamar-se pelo seu primitivo nome ou seja Rua da Torre. O que com certeza faz espécie a muita gente pois nunca naquele local existiu nem existe torre alguma. Parece pois que a dita rua tira o seu nome do primeiro morador que nela habitou. Este Senhor veio para Sarnadas e foi o primeiro encarregado ou feitor das vastas propriedades que cá possuía a casa solarenga do Conselheiro Manuel Luis.

Como este Senhor se chamasse Torres foi por este apelido a dita rua era conhecida. Com o andar dos tempos o topónimo de Rua do Torres transformou-se para Rua da Torre.

É igualmente curioso e digno de registo o facto desta rua ser das mais pequenas senão a mais pequena de Sarnadas e não obstante existirem ali ou estarem nela localizadas todas as actividades de que dependia a vida ou sobrevivência de sarnadenses. Senão vejamos. Era nesta rua logo à entrada a começar pelo lado direito que funcionou uns largos anos uma indústria de latoaria; a seguir e do mesmo lado estava o moleiro, pegado a este situava-se a estação dos correios e loja de sapateiro. Na casa seguinte estava instalada uma alfaiataria. Mais abaixo vivia a costureira e na última casa e ainda do lado direito estava instalada outra loja de alfaiate. Voltando para o outro lado tínhamos o agente das máquinas Singer pegado morava outro moleiro. Com uma casa de intervalo ou seja na casa que hoje pertence ao professor Carlos Martins funcionava o Registo Civil e a escola oficial. Estes dois Departamentos do Estado eram regidos pelo hábil, dinâmico e activo professor António Martins, cujos seus filhos também grandes amigos de Sarnadas são os senhores Aurora Rosa Martins, Álvaro Martins, Carlos Martins e Amália Rosa Martins, todos professores aposentados.

Se quisermos admitir que o antigo solar do Conselheiro Manuel Luiz faz parte integrante da Rua da Torre podemos ainda informar que foi para lá oferecido o primeiro automóvel que veio para Sarnadas. Este automóvel foi oferecido ao genro do Conselheiro Manuel Luiz e nesta data já possuidor da Casa deste, o senhor José Aragão Visconde de Tondela. O dito carro com a marca italiana (era um *Maxardi*) foi oferta do príncipe D. Afonso irmão de D. Carlos I.

Era, ainda, da Rua da Torre, um herói que denodadamente se bateu em Moçambique contra os Vátuas comandados pelo célebre Régulo Gungunhana.

No seu conjunto, esta Rua, tem jus à consideração de todos os sarnadenses que se prezam de o ser!

Mas não ficam por aqui os factos relevantes relacionados com dados referentes à história desta vetusta e poética aldeia de Sarnadas de Ródão.

Passo a expor sucintamente para que todos os sarnadenses principalmente para aqueles que possivelmente o não saibam fiquem a conhecer melhor factos de relativa importância passados na sua terra, aproximando-os da verdade tanto quanto me for possível.

Assim, no Campo da Instrução não era muito mais feliz do que muitas que havia nas Beiras aonde alguém que desejasse aprender a fazer o seu nome tinha que mendigar esse favor a alguém que lá na sua Aldeia tivesse conseguido por qualquer lance de sorte aprender a ler e a escrever. Contudo, em meados do século passado Sarnadas de Ródão deixou de mendigar os favores, a que atrás me refiro pois teve a sorte de ser brindada com um Professor Oficial. Este professor conquanto não fosse além de ler, escrever e contar era considerado uma sumidade pois naquela época eram raríssimas as pessoas que sabiam ler e só de muitas em muitas léguas se encontrava uma pessoa com estes predicados!

Este professor que leccionou algum tempo em Sarnadas era de família mais ou menos abastada e teve talvez por esse motivo a sorte (neste caso até para muitos sarnadenses) de aprender alguns rudimentos de Instrução Primária. O professor a que me venho a referindo era o Tio Francisco Dias do lugar da Carapetosa desta freguesia.

Creio que neste tempo ainda não estava em uso a Cartilha Maternal da autoria de João de Deus e as primeiras letras eram soletradas pelo processo de Bê-á-bá, Bê-ó-bó, etc.

Este professor e outros do mesmo tempo e por força das circunstâncias no mesmo género, na medida em que eram fracos em habilitações literárias eram fortes no ensino católico. Nestas condições um aluno saído das mãos de um professor assim, poderia redigir com dificuldade qualquer texto literário por mais simples que fosse; em compensação sabia de fio a pavio e *tim-tim por tim-tim* a vida de Deus e de toda a corte celestial!

Nesse tempo cá na Aldeia (para maior ajuda) pessoas havia que em sua casa e ao serão se dedicavam a ensinar *doutrina* a quantas pessoas quisessem aprender. Em geral todos os pais obrigavam os filhos a aprender *doutrina* aonde essas *lições* muitas vezes constavam de ensinar que havia de vir um dia que mesmo os que tinham morrido há milhares de anos tornavam a viver, que às tantas da noite andavam a correr fadário as almas que não tiveram estrada no céu nem no Inferno e que também à mesma hora as ruas das Aldeias eram percorridas por lobisomens que maltratavam as pessoas que encontrassem.

Estas e outras *patranhas* que só serviam para enlear o ânimo e enxovalhar o bom juízo, fizeram com que ainda hoje muita gente em Sarnadas convictamente acredite na existência dos tais lobisomens, das tais almas penadas e pratique os exorcismos e outras bruxarias para a cura de certos males e afugentar os maus olhares.

Passados tempos e quando terminou a função de Professor o Tio Francisco Dias, a Instrução Primária deu aqui em Sarnadas mais um passo em frente com a colocação nesta aldeia do Sr.

Professor Miguens. Este homem era de Vila Velha de Ródão e possuía o diploma que naquele tempo era conferido aos professores primários.

Contudo foi com a colocação aqui do Sr. Professor António Martins que a Instrução Primária aqui em Sarnadas atingiu o maior grau de desenvolvimento. Graças ao grande amor que este Mestre-Escola dedicou ao ensino, ao seu enorme esforço e com provada competência, as salas de aula onde este professor leccionou estavam equipadas com o melhor e mais moderno material didáctico daquele tempo. Os alunos saídos da escola deste competentíssimo Professor não receavam confronto com os melhores alunos de qualquer Professor daquele tempo!

Foi da escola deste insigne Mestre que saiu toda a Massa Estudantil que frequentou o Ensino Secundário no lapso de tempo que medeia entre 1905 a 1920.

Dentre esta plêiade de briosos estudantes que se notabilizaram pelo seu elevado grau de cultura e de quem Sarnadas, que os viu nascer, muito se orgulha, merecem especial menção o insigne advogado Dr. João Mendes Paulo e o distinto médico Dr. Herculano Gonçalves.

Creio que à excepção de três destes rapazes ainda são todos vivos.

Faleceram o professor primário Joaquim Nogueira e alguns anos antes faleceram o Dr. João Mendes Paulo e o Dr. Herculano Gonçalves. Estes dois últimos ainda relativamente novos e quando muito de útil se tinha a esperar destas sumidades! Foi graças à sua acção dinâmica e ao espírito empreendedor deste punhado de sarnadenses bairristas que levou à publicação em Sarnadas de um Jornal com a denominação de *Saudade*. Com o andar dos tempos modificou-se a *vida* destes rapazes e então cada qual tomou o seu rumo que o futuro lhe indicou deixando por esse motivo de se publicar o *Saudade*.

É possível, contudo, que ainda se encontrem alguns exemplares deste jornal na posse deste ou daquele sarnadense que a título de recordação os tenha bem guardadinhos...

Foi ainda durante este tempo que de vários pontos do país acorriam a Sarnadas pessoas das mais variadas camadas sociais, durante os seus períodos de repouso principalmente no Verão atraídos pelas belezas naturais desta aldeia e ainda pelos ares saudáveis e águas puríssimas que a Terra possui, e ainda e talvez principalmente pelo bom acolhimento que a gente hospitaleira de Sarnadas carinhosamente lhes dispensava.

No campo da política, Sarnadas também marcou presença com a actividade desenvolvida nesse sentido pelos dois únicos partidos existentes nesse tempo: o Partido Progressista e o Partido Regenerador, mais conhecidos pelos *Pretos* e *Branços*. Eram assim conhecidos por o chefe dum Partido ser o grande proprietário de renome nacional e também com algum prestígio no estrangeiro o lousense Manuel Vaz Preto Gerales. Eram os *Pretos* ou Regeneradores.

Do Partido Progressista conhecido por *Branços* era seu chefe o também abastado proprietário de Castelo Branco Francisco Tavares d' Almeida Proença.

Eram seus correligionários aqui em Sarnadas por parte dos *Branços* ou Progressistas o célebre Pe. Isidoro um tal José Pina Dias Fatela, este natural de Alpedrinha, fixando-se aqui como feitor da casa agrícola conhecida mais por Casa Aragão e que mais tarde tomou de arrendamento aonde conseguiu arranjar uma boa fortuna.

Eram ainda deste Partido Romualdo Mendes Paulo com loja de fazendas e mercearia, António Pazeres Cardoso com oficina de barbeiro e o proprietário José Pedro, igualmente barbeiro sendo nesse tempo tanto um como o outro os *Médicis* cá da Aldeia. Faziam ainda parte deste partido os irmãos Oliveira, José e Joaquim, etc.

Do partido Regenerador ou *Pretos* eram seus correligionários ou representantes cá na Aldeia, o Dr. Joaquim Trigueiros, o Visconde de Tondela José Aragão Lacerda da Vitória, o esclarecido Professor António Martins, Manuel Carlos Bicho industrial e proprietário, Joaquim Bicho Mateus, ferroviário, Joaquim Sobreira, funcionário dos Correios e com loja de sapataria, José Agostinho, Sênior, com oficina de ferraria, etc.

No período eleitoral andavam estes militantes de porta em porta a mendigar o voto de cada eleitor muitas vezes em dias de aguaceiros, mas não obstante percorriam as terras da Freguesia na mira de superarem o adversário no número de votos conquistados. Para obterem o voto solicitado prometiam *feita rija* no dia das eleições caso a sorte lhes foses favorável.

Consistia esta festa em oferecer a todos os eleitores do Partido vencedor um abundante jantar que constava em geral de batatas com bacalhau e vinho até não querer mais!

Foi assim e a troco do seu voto que algumas famílias desse tempo adquiriram uma hortinha nos sítios chamados Quinta e Vale do Forno e que os seus familiares ainda hoje possuem.

Belas e saudosas eleições!...

É bem verdade, mudarem os tempos mudam os costumes!

Também Sarnadas teve como filhos adoptivos duas ilustres famílias que ombream lado a lado com as mais proeminentes famílias portuguesas a nível nacional.

Falemos primeiro do Dr. Juiz-Conselheiro Sr. Manuel Luiz.

Este Sr. era do Minho aonde desempenhou as funções inerentes à sua magistratura. Como naquele tempo Vila Velha de Ródão fosse Julgado Municipal foi para ali transferido, fixando residência em Sarnadas. Ou por cedência do Estado ou porque lhe fossem oferecidas por pessoas com pleito neste Julgado Municipal e despachados a seu foi a Casa do Sr. Manuel Luiz possuía propriedades que a tornaram a maior casa agrícola deste Concelho.

Esta casa que mais tarde foi pertença da família Aragão, ainda é conhecida pelas pessoas da Freguesia de Sarnadas, pelo nome da Casa Grande.

Era a família do Juiz-Conselheiro Manuel Luiz constituída por quatro pessoas: marido, esposa e duas filhas. A mais nova chamada Maria Adelaide herdou do seu pai o mesmo coração bondoso e os mesmos sentimentos de caridade. Morreu solteira esta senhora.

A irmã mais velha chamava-se Maria Isabel e ao invés do pai e de sua irmã, era dotada de coração completamente destituído de caridade!

Foi esta senhora que veio a casar com o Sr. José Aragão da Lacerda da Vitória natural de Aldeia Nova do Cabo, e a bem o pai deu como dote de casamento a propriedade que ainda hoje tem o seu nome, ou seja a Tapada da D. Maria Isabel.

Havia na casa do Sr. Manuel Luiz vários trabalhadores *assoldados* ao mês, aos quais a Casa lhes oferecia os Domingos para nestes dias fazerem os seus trabalhos nas hortas e ainda lhes emprestava os bois e restantes alfaias agrícolas se delas precisassem.

A filha que não via com *bons olhos* os trabalhadores usufruírem estas *regalias* quando estes mesmos trabalhadores ao regressarem do funeral do pai e se dirigiram a casa dela a fim de apresentarem as suas condolências, retribui-lhes nestes termos: *daqui por diante já não pode ser como até aqui... Vocês agora têm que despir a camisa que têm usado e vestir outra... Queria ela dizer com isto que não contassem com quaisquer benefícios concedidos em vida de seu pai.*

A família do Juiz-Conselheiro Sr. Manuel Luiz à excepção da filha D. Maria Isabel, jaz no cemitério de Sarnadas em jazigo subterrâneo privativo, assinalado por um obelisco em mármore, aonde ainda hoje se podem ver esculpidas no mesmo e em relevo as insígnias que constituem o braço desta Casa.

A filha mais velha jaz no cemitério da Aldeia Nova do Cabo em jazigo privativo da família do marido, mandado construir pela família Aragão.

O Sr. José Aragão ou seja o marido da D. Maria Isabel viveu no tempo da Lei dos Morgados e como ele era o mais velho e os seus pais tinham ainda bastantes propriedades tanto em Aldeia Nova como nas proximidades da cidade da Guarda herdou tudo, o que junto às vastas propriedades do sogro o tornaram senhor duma das maiores senão a maior Casa Agrícola da Beira Baixa, com ramificações para a Beira Alta, atingindo na direcção do sul a margem direita do rio Tejo.

Foi na posse destas vastas propriedades que lhe foi concedido o título de Visconde de Tondela (o povo chamava-lhe o Sr. Conde) e passou a viver quase exclusivamente em Sarnadas numa casa solarenga com capela anexa privativa e que já tinha sido igualmente a residência de seu sogro, o Juiz-Conselheiro Sr. Manuel Luiz. Estes imóveis, tanto a residência destes titulares como a capela que lhe fica pegada, apresentam, pelo menos exteriormente, um óptimo estado de conservação. Esta capela foi construída no tempo do Marquez de Pombal, um ano depois do Terramoto de 1755 ou seja no ano de 1756 tal como está insculpido ao cimo da porta de entrada e bem ainda hoje qualquer pessoa pode verificar.

Esta capela, ou seja a Capela da Sra. Santana é património de Estado e ninguém, seja quem for, se pode julgar no direito de a ceder a terceiros seja a que título for.

Foi no tempo deste Senhor Visconde que os dois Partidos políticos da época andavam mais *assanhados* era ânsia de cada qual adquirir maior nº de votos para o seu Partido, sendo com este objectivo que o Visconde José Aragão cedeu algumas das hortas que ainda se encontram no local conhecido pela "Quinta" e têm feito bom jeito a quem ainda hoje as desfruta.

O Sr. Visconde José Aragão deslocava-se de quando em quando a Aldeia Nova aonde tinha muita propriedade e às vezes acontecia demorar-se por lá semanas inteiras.

Foi numa dessas visitas que estando a almoçar com um sobrinho este lhe exigiu uma elevada importância alegando que a mesma se destinava a pagar a honra de sua irmã acusando o tio de manter relações amorosas com ela. Ou porque as acusações eram falsas e portanto feitos com o fim de extorquir dinheiro ao tio para gastar em extravagâncias ou mesmo que fossem

verdadeiras as acusações o tio não cedeu às exigências do sobrinho. O sobrinho quando se convenceu que o tio não lhe dava o dinheiro pedido, disse-lhe mesmo ali à mesa na ocasião em que os dois almoçavam se o tio não lhe desse aquela importância que o mataria naquele mesmo instante.

O tio convencido de que o sobrinho não realizaria a ameaça disse mata uma vez que não fizesse conta de receber nada porque ele não estava disposto a satisfazer tal pedido.

Acto contínuo o sobrinho desfecha uma pistola sobre o tio atingindo-o num dos olhos. O Sr. Visconde vendo que o sobrinho concretizava a ameaça tentou escapar-se fugindo pelas escadas a baixo em direcção à porta e assim poder escapar-se para a rua. Mas o sobrinho prevendo já o que veio a acontecer tinha fechado previamente a porta guardando a chave na algibeira. Então correndo sobre o tio mesmo ao fundo da escada e detrás da porta desfechou toda a carga da pistola em cima do tio acabando assim de o matar!

Como não tivesse deixado descendentes a enorme fortuna do Visconde José Aragão passou para a posse do seu irmão mais novo o Sr. António Aragão.

Este senhor antes da morte do irmão era apenas um modesto empregado na Câmara de Vila Velha de Ródão aonde este o colocou com o vencimento mensal de 6\$00. Por esse motivo só casou já muito entrado na idade com uma senhora de C. Branco filha de um oficial do Exército a quem a gente de Sarnadas tratava por D. Carlota.

Nasceram deste casamento duas filhas e um filho. O filho morreu ainda criança e jaz no cemitério de Sarnadas em campa rasa com um pequeno gradeamento a guarnecer a sua sepultura.

Enquanto às filhas, faleceram a mais velha ainda solteira embora já com idade madura. A mais nova casou com o Dr. Luiz Laia Nogueira, mas não deixaram descendência. Finda aqui com a morte da esposa do Dr. Laia a família Aragão Lacerda da Vitória, cujas propriedades desta abastada família passaram por razões de casamento para a posse do Dr. Laia que pelo seu falecimento passaram para a posse dos sobrinhos deste.

Viveu também em Sarnadas na mesma época em que cá vivia também a família Aragão outra família afidalgada e que em propriedades quase igualava, pelo menos dentro da Freguesia de Sarnadas, a Casa Aragão.

Era esta família conhecida pelo apelido de os Trigueiros. Nasceu esta família de um oficial de Exército conhecido pelo General Trigueiros contemporâneo do Rei D. Miguel. Este soberano fez doação ao General Trigueiros de muitas e vastas propriedades situadas no concelho de Vila Velha de Ródão nomeadamente na então freguesia de Alfrívada e na freguesia de Sarnadas. Ao General Trigueiros se deve a colocação pela primeira vez do Regimento de Cavalaria nº 8, em Castelo Branco. Para isso e receando que o quartel de Castelo Branco não possuísse alojamentos que comportassem todo o Regimento, escreveu de Lisboa ao seu amigo nesta cidade, informando-o dos seus desígnios e perguntando-lhe se no caso do quartel não ter alojamentos que comportassem aquela unidade militar se ela teria dependências aonde pudesse alojar o que não fosse possível alojar no quartel.

O amigo em referência era o grande proprietário e influente político tanto na província como na capital Francisco Tavares de Almeida Proença.

Este não se fez esperar na resposta a dar, informando o General Trigueiros de que tinha alojamentos suficientes para comportar até todo o Regimento, os quais estavam às ordens e que portanto não tivesse sua Ex^a o Sr. General esse receio e que o regimento viesse para Castelo Branco o mais breve possível. E assim foi iniciativa do General Trigueiros filho adoptivo de Sarnadas foi o Regimento de Cavalaria Nº 8 colocado em Castelo Branco aonde até hoje - salvo com uma interrupção de poucos anos - se tem conservado até ao presente.

Por morte do General Trigueiros passaram as suas propriedades bem assim como o solar aonde residia para a posse dos seus filhos, um dos quais era cego. Eram eles o Dr. Joaquim Trigueiros, que foi ao seu tempo um dos advogados de mais prestígio em Castelo Branco, aonde era conhecido pelos magistrados do seu tempo pela alcunha de *O Carrasco*. O outro filho era o Sr. João Trigueiros a quem a gente de Sarnadas chamava o Sr. João Trigueiros Cego.

Ainda hoje se contam em Sarnadas alguns casos com sabor anedótico que o povo diz ter acontecido com este senhor e algumas mulheres do seu tempo e cá da Aldeia.

A residência em Sarnadas desta família Trigueiros é o antigo solar aonde actualmente está instalada a loja de fazendas e mercearia do Sr. José Duque e que é ao mesmo tempo residência deste senhor.

Em 1895 os Vátuas de Moçambique revoltaram-se contra o Governo português vendo-se até este obrigado a enviar para aquela província ultramarina e naquele mesmo ano uma expedição composta de alguns regimentos sob o comando do Coronel Galhardo. Destinava-se esta expedição a sufocar esta rebelião obrigando os Vátuas a submeterem-se às ordens do Governo Português do qual se queriam separar proclamando a sua independência. Esta sublevação era chefiada pelo célebre Régulo Gungunhana, tendo como coniventes os seus dois irmãos Godid e Hixaxa. Dentre os militares que compunham esta *coluna* marcharam garbosamente e cheios de amor patriótico quatro "bravos" mancebos sendo três das terras pertencentes à freguesia de Sarnadas e um da sede de freguesia.

Foram eles: de Atalaia o senhor José Dias mais conhecido por José Serra cuja esposa ainda é viva. De Vale do Homem o senhor José Pires mais conhecido por José Ludovino. De Rodeios, o senhor Matias Dias. De Sarnadas o senhor Sebastião Sobreira, este voluntariamente. Estes quatro filhos da freguesia bateram-se com tamanha galhardia nas terras moçambicanas sendo-lhes conferida por isso as medalhas *Rainha D. Amélia* e a de *Exemplar Comportamento*.

Os Vátuas foram derrotados e o seu chefe o Régulo Gungunhana feito prisioneiro e conduzido a Lisboa.

Jugulada assim a revolta dos Vátuas Portugal continuou a exercer a sua soberania naqueles territórios, ficando assim assegurada a integridade do nosso Império Colonial, integridade essa que em grande parte se ficou devendo aos quatro bravos mancebos desta freguesia de Sarnadas de Rodão e que em vida se chamaram: Sebastião Sobreira; José Dias Serra; José Pires Ludovino; Matias Dias.

Que todos os sarnadenses se curvem respeitosamente perante a memória destes quatro bravos militares que nas longínquas terras africanas souberam honrar a sua e nossa freguesia a freguesia de Sarnadas de Ródão!⁴

3. Os Franceses

Quando Napoleão tentou apoderar-se de toda a Europa, Portugal não escapou à cobiça do *tirano* mandando que as suas tropas invadissem o nosso País.

Como todas ou quase todas as localidades lhes sofreram as consequências Sarnadas de Ródão não escapou à regra sendo também *visitada* por tais *hóspedes*.

Chegados que foram a Vila Velha num Domingo de manhã, partiu daquela Vila a toda a pressa e a corta-mato um homem em direcção a Sarnadas a fim de avisar a população desta freguesia da aproximação dos Franceses e terem tempo de arranjar cada um a saída que achasse mais adequada em tais circunstâncias.

Chegou este *emissário* a Sarnadas cerca das 13 horas, encontrando-se toda ou quase toda a população na Igreja a ouvir a missa.

Dado o alarme toda a gente fugiu incluindo o padre que deixou o acto religioso em início.

Como naquele tempo rodeassem a aldeia grandes e espessos matagais, o povo ocultou-se entre este mato na área que vai desde a povoação de Amarelos até ao local aonde passa a estrada que vai de Vila Velha de Ródão a C. Branco e que é conhecido por Muda local este que já fiz referência no decorrer deste apontamento.

Como a população desta freguesia, desde há muito temesse a vinda destes *visitantes* tinham escondido previamente tudo quanto lhes pudesse suscitar cobiça.

Chegados que foram os franceses e não encontrassem ninguém na povoação lançaram mão de tudo quanto lhes pudesse interessar o que em tais circunstâncias não houve tempo de ocultar.

Daqui seguiram rumo a Castelo Branco e quando chegaram ao local aonde a população se encontrava oculta esta surgindo do mato cai sobre os Franceses com toda a espécie de armas que pode lançar mão na ocasião da fuga: forquilhas, varapaus, machados, e até espingardas de fabrico rudimentar que eram de carregar pela boca.

Apanhados de surpresa os Franceses tomaram-se de pânico e puseram-se em debandada fugindo cada um para aonde lhe pareceu mais conveniente. A população valendo-se desta circunstância corre sobre eles matando alguns. Estes foram enterrados no próprio local da luta depois de terem sido minuciosamente revistados.

⁴ O original deste texto estava datado de 23 de Dezembro de 1976.

Diz o povo que foi encontrada numa das algibeiras da farda dum destes soldados franceses morto, uma carta que a mãe lhe tinha escrito de França na qual lhe rogava que não provocasse ninguém em Portugal nem tratasse mal fosse quem fosse.

Há cerca de 22 anos pouco mais ou menos no local aonde a população desta Aldeia localiza o encontro com os franceses - ou seja a Muda à beira da estrada no sentido Sarnadas - Castelo Branco à direita de quem sobe -, foi aberta uma vala para defender certa propriedade das águas que a invadiam, sendo então postos a descoberto alguns ossos e fragmentos de vestuário apodrecidos, seria de presumir que tanto os ossos então encontrados como os tais fragmentos de roupas pertencessem aos soldados franceses mortos no local.

Devido à sua longa permanência no nosso país (sete anos) o povo habituou-se à sua maneira de contar generalizando-se esse hábito a Sarnadas, aonde ainda hoje as pessoas velhas contam os seus anos dividindo-os em fracções de 20. Assim, se perguntarem a uma velha que tenha 85 anos qual a sua idade, essa pessoa responde que já tem 4 vezes 20 e mais cinco anos. Porém com o aparecimento de novas gerações este hábito tende a desaparecer e quase já se não dá por ele.

4. A Fonte Boa

Nas imediações desta Aldeia ainda hoje se podem observar os restos de uma fossa que o povo diz ser noutra tempo a fonte d'aldeia logo que surgiram os primeiros moradores.

Pela pureza das suas águas aliada às qualidades terapêuticas das mesmas estes restos da dita fonte ainda hoje são conhecidos pela Fonte Boa.

Contam-se alguns casos de cura operados pela água desta fonte e é crença tirar Sarnadas o seu nome dos maravilhosos resultados obtidos com o tratamento desta água principalmente nas doenças de pele.

Diz-se a este propósito que há já muitos anos passava por esta povoação todas as semanas um homem a vender, sardinhas que eram transportadas em cima de um burro todo chagado devido aos efeitos da *Sarna* de que era portador.

Este sardineiro comia sempre o farnel de que vinha munido junto desta fonte, ao mesmo tempo que ia banhando o animal doente.

Dentro de poucos dias o animal estava completamente curado e o nosso homem maravilhado com os resultados dos *banhos* com aquela água aconselhava a tratar as pessoas que sofressem de doenças de pele e que fossem do seu conhecimento a lavarem-se nesta fonte pois com este tratamento toda a *sarna* desaparecia ainda a mais renitente!

Acorreram pessoas de várias localidades a fim de se submeterem ao tratamento destas águas e que completamente admiradas com os resultados obtidos começaram a propagar que aonde chegasse esta água, – *sarna* – nada –.

Confirmada esta versão e com o andar dos tempos esta localidade, aonde *sarna-nada* se transformou, passando a chamar-se como ainda hoje se chama: Sarnadas.

Há contudo quem não perfilhe esta versão sendo de opinião de que é outra a origem do nome de Sarnadas.

Querem alguns que este nome signifique terras bravias ou incultas que nunca ninguém havia cultivado e que era o mesmo que terras *cerradas*. Daí o passar a chamar-se como ainda hoje, Sarnadas.

Se atendermos à esterilidade com que se apresentam a maior parte dos campos desde Vila Velha de Ródão até Castelo Branco aonde só vegeta a esteva, o sargaço e o rosmaninho com predominância da área aonde está edificada esta Aldeia achamos significativa esta hipótese pois tem o seu tanto ou quanto de aceitável

5. As Alvissaras

Desde de longa data que à meia noite de Sábado de Aleluia o povo de Sarnadas percorre as ruas da Aldeia cantando as Alvissaras. Começam a cantar no adro da Igreja visitando em seguida as capelinhas disseminadas pela Aldeia junto das quais entoam versos em louvor dos santos que nelas se encontram e rimando com os mesmos nomes. Assim, junto da capela da Senhora Santana cantam: *já os passarinhos cantam / Por cima da verde cana / Vimos dar as Alvissaras / À Nossa Senhora Santana*.

Estas capelas são visitadas depois de terem os que andam a cantar vindo da casa do Sr. Prior aonde o mesmo é saudado e cumprimentado em versos próprios sendo em seguida distribuídas pelos do Rancho amêndoas e vinho.

As Alvissaras que se cantam hoje em Sarnadas conquanto mantenham ainda uns ressaibos daquilo que foram antigamente, já perderam muito do seu significado primitivo.

Antigamente as Alvissaras eram cantadas por grupos de pessoas pertencendo cada grupo a sua rua. Chegado a Sábado de Aleluia, à medida que se ia aproximando a meia-noite, cada um destes grupos procurava por todos os meios ser o primeiro a chegar ao adro da Igreja, a ocultos dos outros grupos, e assim começar a cantar primeiro que os outros para assim no Domingo de Páscoa irem a casa do pároco receber as alvissaras ganhas na noite anterior.

Regra geral eram distribuídas aos premiados amêndoas à mistura com rebuçados e amendoins. Isto para as mulheres. Aos homens era-lhes distribuído vinho, aguardente e na falta deste dava-se dinheiro para irem beber à taberna.

Hoje é diferente: saem do adro e a cantar mas tudo em conjunto.

Dirigem-se acto contínuo a casa do prior aonde o mesmo lhes distribui a todos amêndoas e vinho, para em seguida *visitarem* as capelas da Aldeia alternando estas visitas com as casas de pessoas de *teres* para que estas os gratifiquem com quaisquer guloseimas, ou mesmo dinheiro.

Antigamente, todo o sarnadense que por quaisquer motivos se encontrava fora da sua terra, empregava todos os esforços para vir a Sarnadas passar a Páscoa a fim de ouvir cantar as Alvissaras o que para eles significava reviver um passado de tão saudosa memória.

6. Vária

6.1. Era costume, costume que já vinha de longe entre a gente de Sarnadas, assim que era chegado o mês de Maio irem buscar ao campo grandes braçadas de rosmaninhos que depois dos mesmos serem feitos em pequenos raminhos eram estes introduzidos nos orifícios existentes nas paredes exteriores das suas casas acreditando-se que toda a casa que se encontrava guarnecida destes ramos estava livre dos perigos da trovoada não caindo sobre ela qualquer descarga eléctrica.

6.2. É ainda hoje crença entre a gente de Sarnadas que um cabelo da cabeça duma mulher conservado debaixo d' água 30 dias transforma-se numa cobra passado que seja esse tempo.

6.3. Quando os galos cantam em seguida ao pôr-do-sol, adivinham que alguém da Aldeia está para morrer em breve ou são ladrões que se estão aproximando da Aldeia. Há Ainda quem acredite que são os galos a prever mudança de tempo.

6.4. É ainda crença entre a gente que para ficar sabendo se dois namorados são leais um ao outro basta fazer umas bolinhas, rebolando entre as palmas das mãos dois pedacinhos de linho ou estopa, daqueles que se fiam na roca deixando-os ficar sensivelmente iguais a um ovo de galinha. Em seguida são postas estas bolinhas sobre a pedra do lar e às quais é deitado fogo a uma e a outra simultaneamente, ao mesmo tempo que se diz: *fogo em fulano e fogo em fulana*. Nomeando-se os nomes dos namorados visados ao mesmo tempo que se lhes chega o lume. Acontece sempre uma destas bolas durar mais tempo acesa que a outra. Então o namorado cujo nome foi atribuído à bola que fica acesa mais tempo é considerado leal ao outro e as pequenas faúlhas que vai lançando significam lágrimas de saudade...

O namorado cujo nome atribuído à bola que se apagou primeiro não tinha amizade ao outro por isso o deixou só e a chorar. Também costumam fazer isto colocando duas folhas d' oliveira sobre as brasas da lareira com a parte mais verde colocada para cima.

Com a acção do calor estas folhas saltam para o ar sendo então o namorado que saltou primeiro considerado a ir-se embora a acabar com o namoro⁵.

⁵ O original deste texto estava datado de Fevereiro de 1977.